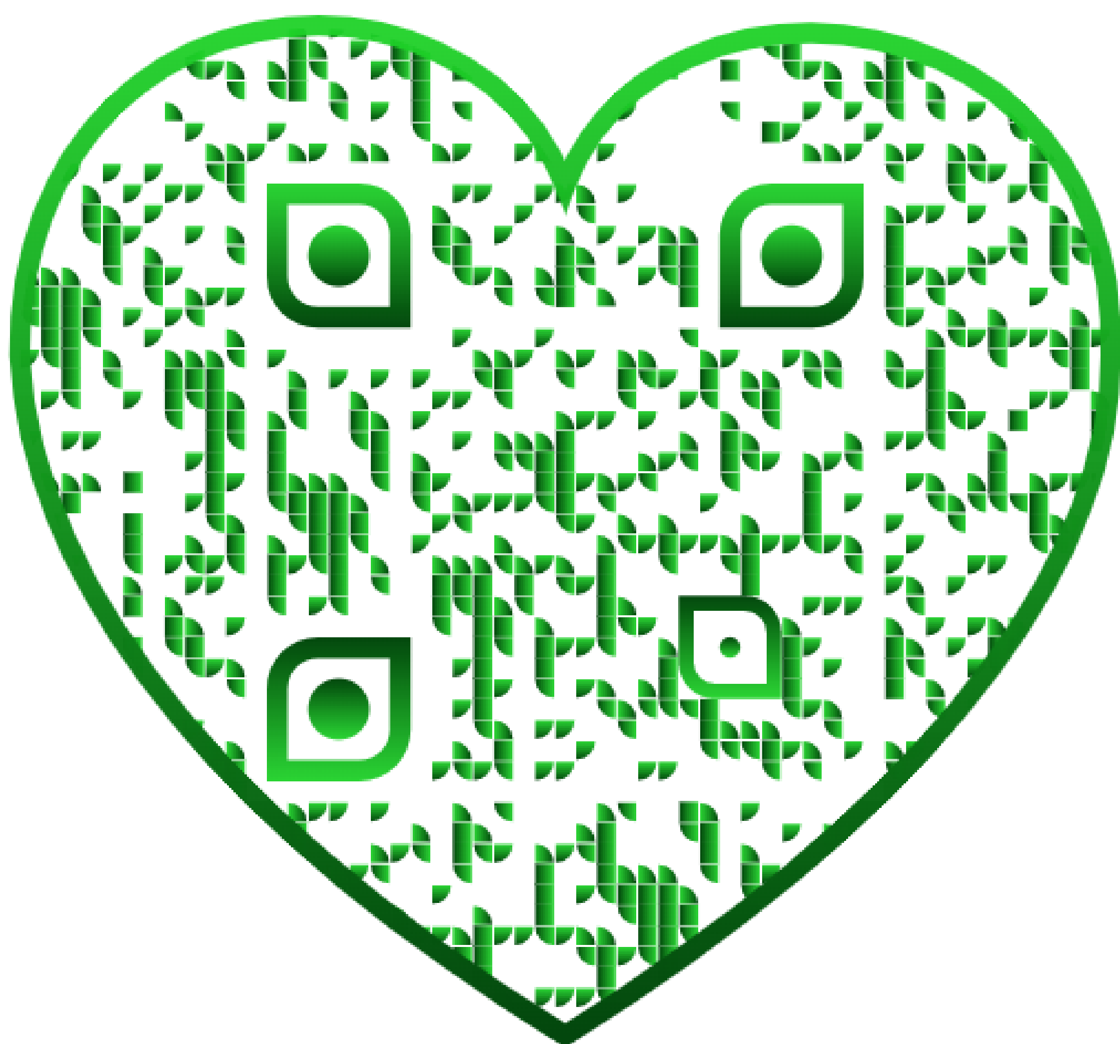
RETRATO DE UM INSPETOR



LISSA PRICE





SUMÁRIO

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

RETRATO DE UM INSPETOR

Lissa Price

RETRATO DE UM INSPETOR



Publicado sob acordo com o autor, c/o BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, USA.
Copyright Texto © 2012 by Lissa Price
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Price, Lissa
Retrato de um Inspetor / Lissa Price; tradução Mila Fernandes. — Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: Portrait of a Marshal.
ISBN 978-85-8163-043-4

Ficção – Literatura juvenil
Título.

12.07062 | CDD-28.5

Índices para catálogo sistemático:
Ficção: Literatura juvenil 028.5



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Você encontra este e demais e-books na Livrarialivros.com

RETRATO DE UM INSPETOR

— Pobre Starterzinha, o que aconteceu com você?

Olho para o corpo dessa garota no chão. Ela deveria estar em casa, segura, ou dançando, ou fazendo sua lição de casa. Mas está aqui, no concreto frio deste estacionamento subterrâneo abandonado que cheira a mofo e gotas de óleo.

Suas roupas estão rasgadas: calça e camiseta, até mesmo o suéter que escorregou de seu ombro. Estilo Starter. Quando você luta muito, suas roupas demonstram isso. E eles estão sempre lutando, pois todo mundo quer combatê-los. Renegados, Enders lojistas, outros Starters. Até inspetores como eu. Então, quais desses rasgos já estavam ali e quais foram causados pelo assassino?

Tiro meu escâner do bolso, me abaixo e passo o aparelho por cima dos rasgos. Ele me fornece dados na pequena aerotela.

O rasgo mais recente foi feito um mês atrás. Bem que imaginei. Não é uma pista. E o buraco de bala no coração da garota também não vai contar histórias. Entrada limpa, tiro a distância. Tudo o que o escâner diz é que foi feito duas hora atrás. A denúncia anônima de um transeunte foi feita dez minutos atrás.

Uma lembrança cruza minha mente. Outro buraco de bala, outra garota, outra ocasião. Eu a afasto de meus pensamentos.

Focalizo esta garota, esta Starter. Parece ter cerca de 15 anos. Provavelmente está nas ruas há um ano. A maioria dos Starters perdeu os pais na Guerra dos Esporos. Passo o escâner sobre as pontas do cabelo castanho dela, que passa da altura dos ombros. O último corte foi há aproximadamente 60 dias. Estranho. Onde é que ela arranjou dinheiro para isso? Talvez tenha sido uma troca. Ou um amigo que soubesse usar a tesoura.

Outro lampejo de memória: Jenny. Cabelo loiro passando dos ombros. Emaranhado.

Pisco, forçando-me a voltar ao presente, agachado, segurando meu escâner. Escaneio todo o corpo dela. Observo a tela para ver se alguma luz vermelha pisca, mostrando algo incomum. Ligo o áudio, e o leitor fala enquanto passo o aparelho sobre seu estômago.

"Cicatriz de trauma acidental, cinco anos atrás. Causa provável: queda."

Passo-o sobre as roupas, do umbigo até as coxas.

"Nenhum sinal de trauma."

Nada de especial surge, então eu apenas armazeno a informação. Escolho não usar a captura de imagem do escâner, colocando-o no chão enquanto pego meu telefone. Tiro uma foto dela, depois guardo o telefone novamente no bolso para poder vasculhar as dobras de suas roupas. Starters normalmente carregam uma pequena bolsa. Mas tudo o que ela tem é uma garrafa de água, ainda pendurada no ombro, e uma lanterna de pulso. Escaneio a garrafa e a lanterna, o que não dá em nada. Retiro a lanterna. Às vezes, eles escondem papéis dentro da faixa grossa.

Nada. Ouço algo se movendo rapidamente na garagem úmida. Um rato? Fico de pé e coço as câimbras em minhas costas. Ah, bons tempos em que eu era flexível.

Curvo-me e tiro seus calçados.

Tênis azuis. São tão pequenos, mal chegam a ser maiores que minha mão. Isso me parte o coração.

Lampejo: outro par de sapatos, desta vez cor-de-rosa. Rasgados. Restam alguns brilhantes. Há um buraco no dedão. Os sapatos de Jenny, os que ela tanto queria que chegava a doer. Eu os comprei para ela.

Eu me sacudo, espantando a dor. Vou manter o foco.

A maior parte dos Starters não tem quase nada. Quem achou que esta garota valia uma bala de revólver cara?

Finalmente, me permito examinar seu rosto. É surpreendentemente bonito. A pele é perfeita. Starters normalmente têm queimaduras de sol, sardas, cortes de brigas.

Olho para suas mãos. Também pálidas e perfeitas. Não passei o escâner sobre o rosto. A ferida é a causa óbvia da morte, porém meus instintos me mandam verificar. Pego o escâner.

O aparelho diz que ela fez uma cirurgia com laser verde. Uma plástica no nariz. Também 60 dias atrás, quando ela cortou o cabelo. Estranho.

Ergo sua cabeça e sinto algo na parte de trás, sob o cabelo. Cuidadosamente, viro a cabeça da garota para o lado e passo o escâner.

"Neurochip."

Neurochip?

"Inserido 60 dias atrás."

Examino o ponto áspero na pele e vejo uma cicatriz pequena, ligeiramente elevada. Coloco o escâner em modo ampliador para olhar mais de perto. É uma cicatriz, sim, e parece ter dois meses.

Ela é a terceira vítima em um mês. Não examinei as outras. E aposto que ninguém escaneou a parte de trás da cabeça delas.

Um ruído, como de alguém chutando uma lata, me afasta da análise. Abaixo a cabeça da garota delicadamente e fico de pé. Pego minha arma.

Não há carros aqui, no nível inferior, nem coisa alguma atrás da qual um criminoso possa se esconder. O edifício está abandonado, como tantos outros após a guerra. Os invasores prolongam sua existência nos escritórios vazios lá em cima.

Olho para a rampa que leva ao próximo andar. O barulho vem dali.

Subo a rampa com passos cautelosos, segurando minha arma com ambas as mãos. Sinto meu batimento cardíaco se acelerar.

Não importa quantas vezes você faça isso...

Enquanto subo e começo a enxergar o andar de cima, olho para um lado — nada de carros nem pessoas —, depois para o outro. Ali. Alguém. Vejo um Starter pequeno e magro. Um garoto, talvez com 15 anos, agachado num canto.

Não consigo saber se ele está prestes a levantar ou sentar; está parado, apoiado nos quadris.

Será que tem uma arma? Tenho que agir como se ele tivesse uma.

— Parado! —digo, apontando minha arma para ele. — Não se mova! Fique onde está!

Ele olha para mim. Mesmo a distância, posso ver que seus olhos estão arregalados. Ando em sua direção.

— Coloque as mãos sobre a cabeça!

Ele não se move.

Sei que sou assustador. Mais de 1,80 metro, musculoso, bronzeado, cabeça repleta de cabelos brancos. Estou em boa forma para um Ender de 108 anos e, com o uniforme completo e holodistintivo, marco presença. Claro que o Zip Taser e os acessórios da arma ajudam.

No entanto, esse garoto está ou petrificado ou planejando algum movimento estúpido, pois não obedece à minha ordem.

— Não está me ouvindo? — pergunto. — Mãos ao alto!

Ele se lança para a esquerda. Suas mãos parecem vazias.

— Pare! — grito.

No entanto, ele continua. Coloco minha arma no ombro e corro atrás dele. O garoto é abençoado com pernas jovens, que não doem, mas está subnutrido e fraco.

Também hesita, pensando, imaginando qual caminho é o melhor — para cima ou para baixo? Essa hesitação me dá uma vantagem. Jogo meu corpo contra ele e, pouco antes de ele sair de meu alcance, agarro suas pernas.

— Me solte! — ele grita enquanto lutamos no chão

Eu o seguro pelo cinto e tento apanhar as algemas penduradas em minha faixa de cintura.

— Ei, cara, não... — ele diz.

Agora, tenho a chance de olhar para seu rosto. Ele é tão magro que as bochechas são fundas. Os dentes estão podres. Ele pode ter tido uma boa aparência um ano atrás, mas passou fome.

— Qual é sua idade?

— Dezesseis. Quase.

Deixo as algemas de lado e puxo-o para cima enquanto fico de pé. Mantenho uma mão em seu ombro.

— Você conhecia a garota lá embaixo? — pergunto.

— Que garota?

Leio seu rosto. Depois de 18 anos neste trabalho, sei dizer quem está mentindo.

— Você não sabe? — respondo. — Então é melhor eu lhe mostrar.

Seguro seu cotovelo. Ele não se move. Olha em meus olhos por um momento. Sei que está me analisando, vendo se estou de olho nele.

— Não — diz suavemente. — Por favor!

— Venha. — Eu o puxo comigo e descemos a rampa.

Ele não se encolhe quando vê o corpo dela de longe. Observo sua reação quando estamos bem diante dela.

— Não a conheço. — Ele balança a cabeça. — Quero dizer, ela vivia aqui, no prédio, mas...

— O que aconteceu com ela?

— Como é que eu vou saber, cara? — Seu rosto está retorcido de angústia.

Olho para ele com minha expressão insensível para que saiba que não estou de brincadeira.

— Quando você a encontrou?

— Pouco antes de você. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Desci para a rua e ouvi alguma coisa. Vi a garota deitada aí. Chamei... Ela não disse nada. Cheguei mais perto e vi que ela tinha sido baleada.

— Ela era linda, não?

— Me deixe ir! — Os olhos dele suplicam. — Não tive nada a ver com isso! Foi só azar.

Eu o solto. Ele hesita. Sei que pensa em sair correndo.

— Está com fome?

Ele não responde. Só olha para mim, desconfiado.

Enfio a mão no bolso e tiro uma supertrufa.

— Aqui. Jogo o doce para ele.

— Uau! Obrigado! — Abre a embalagem e dá uma mordida. Fecha os olhos por um segundo para saborear o chocolate. E vibra.

— Este sou eu, Kyle, o azarado. O cara que topa com uma garota morta de manhã.

Há verdade no tom de sua voz.

— Quantos Starters vivem no seu prédio? — Deixo que meus olhos apontem para o teto.

— Este lugar é bem vazio. Cheira a spray. Só tem cinco de nós.

Balanço a cabeça, concordando. Às vezes, esquadrões do governo vêm e lançam spray em tudo para eliminar qualquer resíduo de esporos ativos. É tóxico por pelo menos um mês.

— Isso pode matar vocês. Deveriam mudar daqui — digo.

Ele termina a supertrufa e lambe a embalagem.

— Alguém mais lá em cima sabe sobre ela? — pergunto. — Se ela tinha amigos, família?

— Você viveria aqui se tivesse família? Ela chegou uns dias atrás. Tudo o que sei é que seu nome era Indie. Só isso.

Acredito que esteja dizendo a verdade. Se não estivesse, ele me indicaria outra pessoa, sugeriria que eu falasse com outro Starter.

— Ok. Dê o fora daqui!

Ele não perde tempo. Envolve o próprio corpo com os braços e se afasta, desconfiado demais para me dar as costas. Não o culpo, considerando como são alguns delegados.

— Você é legal — ele diz.

— Fique longe de encrenca.

Ele balança a cabeça, concordando, e continua se afastando. Quando chega à rampa, vira-se e corre.

Eu olho para Indie, deitada no chão sem os sapatos.

Lampejo: o mais doloroso — Jenny, a imagem completa, deitada lá, o cabelo loiro emaranhado, a ferida no peito, os sapatos de lona cor-de-rosa com brilhantes e um furo no dedão.

Sapatos. Indie tem sapatos azuis.

Pego um deles e levanto a palmilha.

Lá, vejo um pedaço de algo branco.

Arranco a palmilha e encontro um cartão debaixo dela. Um cartão de visitas.

Eu o levanto e brota dele um holograma de adolescentes dançando. O título se projeta no espaço diante do holo:

Prime Destinations – Seja alguém diferente!

O endereço: Beverly Hills.

— Vou encontrar quem te matou — digo num sussurro. — Prometo!



Vou para casa, para meu bangalô em Glendale, passando por minha cerca de arame farpado. Lar, doce lar. Continuo usando meus óculos escuros. Não me incomodo em ligar as luzes. Passo minha mão sobre a aerotela e verifico os relatórios de investigação para ver se há alguma anotação sobre um neurochip nas três outras vítimas. Nada. Eles provavelmente presumiram que o ferimento a bala era a causa da morte. E detetives não são conhecidos por dedicar muito tempo à investigação da morte de menores renegados.

Não consigo achar nada sobre a Prime Destinations nas Páginas. Estranho. Talvez seja uma empresa nova. Parece nome de agência de viagens, talvez uma dessas especializadas em férias de fantasia, com interpretação de papéis. O que uma Starter como Indie teria a ver com um lugar como esse?

Cancelo a noite de drinques que planejei com uma amiga Ender. Não preciso dizer a ela que tem a ver com Jenny. Ela adivinha. É bom ter amigos que entendem a gente.

Tiro meu uniforme e coloco meu melhor terno, lembrando-me de deixar meu distintivo sobre a cômoda.

Quando chego ao endereço, um edifício tão reluzente que estou feliz por estar de óculos escuros, vejo que é no coração de Beverly Hills, uma das regiões mais caras da cidade. Faz tempo que não passo por aqui. Vejo lojas fechadas, consequência econômica das guerras, como esperado. Mas as lojas de joias que custam os olhos da cara ainda estão aqui para satisfazer as

necessidades consumistas terapêuticas dos Enders ricos.

O porteiro me deixa entrar. Até o cheiro do lugar é caro. Grande. Teto alto. Chão de mármore. A recepcionista atrás da mesa, uma Ender atraente de batom vermelho, sorri para mim quando entro.

— Posso ajudá-lo, senhor?

Eu me debruço no balcão brilhante. Sorrio para ela, esperando que não se importe se isso soará ou não como verdade:

— Talvez possa. Acontece que eu estava passando por aqui e fiquei curioso quanto a que tipo de serviços vocês oferecem. Eu bem que gostaria de uma mudança na rotina...

— Teremos prazer em explicar tudo. — Ela dá uma batidinha na aerotela. — Nosso gerente de vendas saiu para almoçar. O senhor quer deixar seu número? — Ela ergue um pequeno telefone, esperando que eu erga o meu.

Tateio meus bolsos, procurando o telefone. Não quero realmente deixar meu número, porém faço toda a encenação. Uma voz de um escritório ao lado chama. Uma voz eletrônica.

— Eu vou vê-lo — diz a voz.

— Ah. Nosso CEO vai falar com o senhor pessoalmente. — A recepcionista empurra a cadeira para trás. — Por aqui.

Ela levanta e me conduz ao escritório. Não posso deixar de notar que está em ótima forma para a idade que tem. Quando chegamos à porta, para e sorri.

— Posso lhe oferecer algo para beber? Café? Chá? Água Calma?

— Não, estou bem, obrigado.

Ela me deixa à porta.

O CEO veste um sobretudo e um chapéu. Dentro do escritório. Este lugar está ficando mais estranho a cada minuto. Ele está de costas para mim. Quando entro na sala, ele se vira.

Em vez de um rosto normal de Ender, ele tem uma máscara eletrônica moldada sobre a pele. Milhares de pixels movem-se sobre suas feições, transformando seu rosto em uma tela. Há um toque de azul na luz.

Tento não reagir, mas é difícil. A máscara mostra o rosto de um antigo presidente.

— Eu sei – ele diz com aquela voz metálica. — É um pouco chocante. Mas todo mundo acaba se acostumando.

Eu me aproximo e estendo a mão. Ele não a aperta. Em vez disso, gesticula para que eu me sente. Percebo que também está usando luvas.

— Então, o senhor está interessado em saber mais sobre nossos serviços?

Sua voz... Conheço pessoas que sofreram danos nas cordas vocais e têm que usar uma caixa de voz eletrônica. Pergunto-me qual é a história dele.

— Se eu puder pagar por eles — respondo, assentindo.

A face não sorri. Acho que não consegue. Pergunto-me como é que ele faz isso.

Ele dá uma pancada leve na aerotela sobre a mesa e projeta-se um mostrador exibindo um Starter de aparência saudável.

— Gostaria de ser jovem novamente? Praticar qualquer tipo de esporte que praticava antes? O dia inteiro, sem ficar dolorido no dia seguinte?

— Quem não gostaria? — digo.

— Este doador pode patinar, esquiar, jogar tênis. O que você quiser, ele faz.

— Ele parece forte o suficiente – respondo.

— O que acharia de ser ele? Por alguns dias? Uma semana?

Imagino se ele está brincando.

— Como? — pergunto.

— Temos um processo de propriedade que pode viabilizar isso.

— Deve ser caro.

— Porém vale cada dólar.

Ele lança sobre mim toda a conversa de vendedor e eu me finjo de bobo. Se fosse rico, assinaria o contrato aqui e agora. Não sentir mais minhas pernas doendo. Cara, ser jovem novamente!

— É completamente sem falhas — ele diz. — Você seria aceito e visto como um adolescente outra vez. É realmente uma fonte da juventude, só que melhor. — Ele me mostra mais imagens de vários adolescentes. — Não sei quanto a você, mas eu não tinha essa bela aparência quando tinha a idade deles.

— Eu poderia ser qualquer um deles?

Ele balança a cabeça.

— É só escolher. Seja alguém... diferente. — Gesticula para as imagens dos Starters.

— E esses caras são bem pagos?

Ele hesita.

— Estão mais que satisfeitos. Estão felizes.

Enquanto olho para as imagens dos jovens bonitos e robustos, percebo algo que faz meu coração bater mais depressa. Eu deveria ter notado antes.

Este poderia ser o caminho perfeito para eu entrar completamente disfarçado no mundo dos Starters. Qual forma seria melhor do que essa para eu procurar o assassino de minha neta... e de Indie, e das outras?

Eu jamais conseguiria que o departamento autorizasse esse tipo de despesa. Teria que cobri-la eu mesmo.

— Quanto custa? — pergunto.

Observo-o enquanto escreve um valor num contrato, preenchendo a lacuna. Vejo a quantia e, pela segunda vez neste escritório, não consigo esconder minha reação. Solto um suspiro audível que me delata. Ele ri.

— Isso é para uma semana — explica.

Escreve outro valor com alguns dígitos a menos.

— Isto cobriria três dias.

Ainda está alto, mas é possível. Esgotarei minhas economias.

Mas, se eu encontrar o assassino, terá valido a pena.



Volto para casa e penso em ligar para minha amiga para ver se ela ainda topa um lanche; no entanto, desligo antes de nos conectarmos. Está tarde. Eu me sirvo de um copo de uísque e penso sobre amanhã, quando poderei ser outra pessoa.

Apesar do horário, ligo para meu superior e peço para folgar nos próximos dias.

— Está doente, Walsh? — pergunta meu chefe.

— Sim, isso mesmo, estou doente feito um cachorrinho sarnento.

Ele me dá os dias de folga. Tem sido um cara legal desde que Jenny se foi. Provavelmente sabe que estou fazendo minha própria investigação. Mas tenho certeza de que não faz a menor ideia de como estou fazendo.



Quando volto à Prime na manhã seguinte, sou tratado como um astro em um processo tão prazeroso quanto meu melhor uísque de cem anos. Uma enfermeira, a Ender mais bonita que já vi, com cabelos brancos puxados para trás e rosto calmo e delicado, me escolta até uma sala que chamam de sala de transição. Tem o tamanho de um pequeno hotel, mas lembra um spa de luxo. Ouve-se música tocada com flauta japonesa, e as notas, como o canto de passarinhos, me encorajam a relaxar. A enfermeira diz para eu vestir o camisão de seda e o robe de caxemira que estão pendurados no banheiro, depois vai embora. Não são exatamente meu estilo, porém a sensação na pele é boa.

Saio do banheiro e inspeciono a sala. Uma poltrona reclinável de pelúcia toma um terço inteiro de todo o espaço. Também há uma pequena mesa com uma orquídea em cima. As paredes são cobertas de bambu, dando ao lugar uma atmosfera zen.

Mas está faltando uma coisa.

Não há equipamentos médicos.

Olho à minha volta, vejo uma porta e a abro. Dentro há um pequeno armário cheio de IVs, sacos de fluidos, seringas, fita e diversos instrumentos médicos. O que mais está escondido aqui?

Percebo um gabinete ao lado da poltrona reclinável. Eu o abro e vejo uma aerotela e uma porção de fios coloridos conectados a pequenas almofadas quadradas. Seguro uma delas entre os dedos como se fosse um brinquedo infantil.

Alguém bate na porta.

— Posso entrar, Sr. Walsh? — pergunta a enfermeira.

Coloco a almofada de volta, fecho o gabinete e vou até a porta. A enfermeira está parada ali com outro Ender — um técnico, a julgar por seu jaleco branco.

— Este é Trax — ela diz. — Ele vai ajudar o senhor.

Ele tem cabelos brancos e longos. Óculos de armação preta e pesada se equilibram em seu nariz.

— Olá. — Ele meneia a cabeça um tanto desajeitadamente.

Percebo que não consegue me olhar nos olhos, o que não inspira confiança. Ele vai até o armário onde eu estava mexendo poucos segundos antes.

A enfermeira segura meu braço com sua mão macia e me conduz até a poltrona. Ela tem um cheiro doce, como o de algum tipo de flor, mas tênue. Sutil. Lavanda? É relaxante.

— Fique à vontade — ela diz quando me sento. Coloca um lençol de seda e um cobertor leve por cima de mim. — Está confortável?

— Como se fosse um bebê — respondo.

Trax se aproxima com aquele monte de fios nas mãos.

— Vou colocar esse dispositivo de conexão no senhor. Não vai doer. O senhor mal vai sentir, na verdade.

— Isso me conecta ao computador? — pergunto.

— Exatamente — ele responde. — Assim, não precisamos de nenhum procedimento invasivo. — Ele gruda os eletrodos em vários pontos de minha cabeça e pescoço. — O fato de seu cabelo ser tão curto ajuda — diz.

— E o que essas coisas fazem? — pergunto.

— O eletrodo principal recebe uma transmissão sem fio do computador. Ele se comunica com os outros eletrodos. Todos eles se comunicam com partes de seu cérebro via ondas ômicron.

— Tudo o que tem a fazer é fechar os olhos — recomenda a enfermeira, puxando a manga de meu robe para cima. Ela está do outro lado da poltrona. Esfrega a parte de cima de meu braço em um tipo de carícia, mas percebo que está aplicando um creme anestésico.

— E eu vou enxergar através dos olhos do corpo de meu doador — digo.

— Exatamente — responde Trax. — Os olhos do doador podem ver, e essa informação é enviada a seu cérebro pelo computador. Você vai dizer as palavras que pensar, mas elas vão sair pelos lábios de seu doador.

— Tudo o que precisa fazer é relaxar. — A voz da enfermeira é como mel.

Isso quase me distrai da seringa que ela segura a poucos centímetros de meu braço. Ela emite uma luz azul, então a enfermeira a pressiona contra minha pele. Eu mal sinto.

Estou desmaiando. Tudo o que resta é a lembrança de um perfume de lavanda.



Eu sonho. Tenho total consciência de que é um sonho. No começo, imagino se é algo da mente ou da memória do Starter em cujo corpo estou prestes a habitar. Uma sensação de pavor se fecha a meu redor como uma pesada neblina. Estou perseguindo o assassino. Acho que é um homem, mas não tenho certeza. Poderia ser um Starter, poderia ser uma mulher, mas decido que é um homem por causa do casaco que usa. O assassino sobe para um telhado usando uma escada de incêndio. Eu o sigo. Faço o impossível para persegui-lo, saltando de telhado em telhado, rolando para aterrissar, levantando, correndo de novo. Eu me aproximo. Ele está para saltar novamente, mas agarro seu pé.

Ele cai de lado, detido por meu gesto. Agarro uma coluna com minha outra mão para não cair devido ao peso dele. Ainda não consigo determinar a identidade do assassino enquanto ele pende de cabeça para baixo. Seu chapéu cai flutuando por dois andares até o chão. Um cachecol envolve seu rosto, escondendo-o.

Tento puxá-lo para cima com uma mão, mas ele é pesado. Enterro os pés na parede para tomar impulso. Enquanto começo a erguê-lo, o assassino estica a mão e tira o sapato. Ele cai pelo ar, o casaco se debatendo feito asas quebradas. Seguro o sapato em minha mão e me pergunto por que me sinto tão vazio, como se tivesse perdido outra vítima.

Abro os olhos.

Estou acordado, contudo em uma sala diferente. Não é como aquela onde deixei meu corpo. É básica, mais como um quarto de hospital ou consultório médico. Sinto cheiro de lavanda.

Viro para a direita e vejo a enfermeira se aproximar.

— Como está se sentindo? — ela pergunta.

— Ótimo. — Deito minha cabeça novamente com um tranco. Minha voz soa diferente. Mais aguda. Mais jovem.

— Todo mundo faz isso, não se preocupe — ela ri. — Você se acostuma.

Percebo-a olhando para alguém à minha esquerda. Vejo Trax.

— Pode levantar o braço esquerdo, por favor? — ele me pede.

Obedeço. E percebo como esse braço parece jovem.

— E o direito?

Ergo o braço direito. Igualmente jovem. A mão é macia. Sem rugas.

— Pode abaixá-los. Mecha o pé esquerdo. Agora, o direito.

Passo em todos os testes enquanto ele continua a me examinar, acendendo uma luz em meu rosto, pedindo que eu a siga com os olhos, fazendo uma série de perguntas. Mas o que realmente quero é olhar em um espelho. Vejo um na parede e morro de vontade de ir até lá.

A enfermeira me ajuda a levantar da poltrona. Será minha imaginação ou o sorriso dela está diferente? Mais... malicioso?

— Sei o que você quer — ela diz.

Ela me leva até o espelho. Minhas pernas estão apenas um pouco trêmulas, mas quando chego ao espelho não estou pensando nelas. A imagem refletida me arrebata. É um belo Starter, com cerca de 17 anos, cabeça cheia de cabelos castanhos ondulados, um rosto bonito e perfeito e olhos azuis brilhantes. Eu vi sua foto, mas não foi nada parecido com vê-lo em carne e osso.

— Não pode ser… — digo, encarando meu reflexo.

— Mexa o braço — a enfermeira diz.

Movo minha mão direita até meu rosto e toco meu queixo. E o cara no espelho faz exatamente a mesma coisa.

Eu rio, e ele também.

— Isto é tão… — não consigo encontrar a palavra.

— Maravilhoso? Extraordinário? — a enfermeira Ender sugere.

— Bizarro! — digo, observando os lábios do Starter movendo-se no espelho.



Saio da Prime Destinations com meu novo corpo. A cada minuto fica mais fácil balançar os braços, só errando a distância uma vez, quando bato a mão em uma parede. Do lado de fora, à luz brilhante de Beverly Hills, experimento minha voz.

— Olá. Olá! — Digo a ninguém além de mim mesmo.

Estou vestindo um belo agasalho esportivo sobre uma blusa de manga comprida e um jeans preto novo. Tateio meu bolso e sinto que colocaram uma carteira nele com as chaves de meu carro. Abro a carteira. A carta de motorista tem minha foto e meu novo nome, Trace Walsh — meu sobrenome verdadeiro e o primeiro nome do doador de meu corpo.

Ando até o estacionamento onde deixei meu carro e entro nele. Até os novos olhos no espelho retrovisor me espantam.

Saio dirigindo de Beverly Hills, indo para o sul e para o leste. Paro em uma loja de roupas usadas. Encontro exatamente aquilo de que preciso, troco de roupa dentro da loja e saio com uma camiseta de manga comprida, um agasalho com capuz e jeans surrados de joelhos gastos. Tenho uma velha lanterna de pulso e uma garrafa de água a tiracolo. Já de volta ao carro, abro o porta-luvas, deixo meu distintivo de lado e tiro minha arma. Coloco-a na cintura. Também pego meu canivete suíço e faço cortes na camiseta, no agasalho e na parte de baixo da calça jeans. Agarro o tecido em cada corte e puxo para desfiar as bordas.



Estaciono meu carro a vários quarteirões do edifício de Indie para que ninguém o veja. Andando pela rua, sinto-me quase nu sem meu uniforme. Planejo me livrar da arma assim que possível. Não posso correr o risco de alguém descobri-la durante uma briga. Ando a passos largos. É tão gostoso estar neste corpo. Meu joelho não dói; sinto como se minha espinha fosse feita de borracha. É tão flexível.

Eu poderia me acostumar a isso.

Quando chego ao edifício de Indie, tento abrir a porta principal. Costumava ser um prédio comercial, de três andares, com pesadas portas duplas no térreo. Contorno o edifício e encontro outra porta. Vejo um pedaço de fita adesiva grudado onde antes ficava a tranca. Abro-a.

Estou em um corredor lateral. Ando como se morasse aqui e vou até os fundos, procurando uma escada. Encontro-a. Ela fede, e eu subo os degraus de dois em dois para sair dali rápido. Paro no segundo andar.

Estou de ouvidos atentos, mas não ouço nada. Estou diante de um conjunto de cubículos. Não há cadeiras, e as mesas estão vazias, mas as paredes dos cubículos permanecem. Parece errado, como uma cidade-fantasma, especialmente porque sei que aqui vivem invasores. Ando em torno dos cubículos, olhando para os escritórios ao lado. Se eu fosse um Starter, escolheria um desses para ser minha toca. Essas salas têm portas.

A primeira pela qual passo parece inabitada. Eu também não escolheria essa — perto demais da entrada. Passo pela segunda e vejo que alguém vive ali. Há uma velha bola de tênis. Algumas camisetas.

Sinto que alguém me observa por trás. Paro e escuto.

— Não se mexa — uma garota diz.

— OK. — Coloco as mãos para o alto no gesto universal de rendição. Porém viro a cabeça para olhar.

— Eu mandei não se mexer.

— Tá bom.

Ela vem para meu lado. Com minha visão periférica, percebo que está apontando uma arma para meu peito. Não posso deixar que nada aconteça com Trace. A respiração da garota é irregular, está a um passo de causar um acidente. Eu me viro para trás e agarro a arma dela. Não preciso apontá-la para ela. A garota é magra e frágil.

Examino a arma.

— Esta coisa nem está carregada.

— Não tenho balas. Achei a arma num beco.

Seu cabelo é castanho, descendo em mechas em torno do rosto. As roupas estão sujas e rasgadas — calça larga e uma camiseta de manga comprida —, mas ela é atraente. Só não tem a perfeição de Indie. Algumas sardas pintam-lhe as bochechas.

— Quantos anos você tem? — pergunto.

— Por que quer saber? — Ela faz uma careta.

Lembro que agora não pareço um inspetor. Não pareço um Ender. Sou um Starter e preciso falar como um.

— Devolva isso aí, tá? — Ela pede, estendendo a mão para a arma.

Eu a seguro atrás de mim, fora do alcance dela.

— Qual é seu nome?

— Lonnie. — Ela suspira. — E o seu?

Tenho que pensar por um segundo para lembrar meu novo nome.

— Trace. Há quanto tempo você mora aqui?

Me repreendo por soar tão parecido com um inspetor. Tenho que melhorar nisso.

— Lugar legal — digo.

— Estou aqui há umas duas semanas — ela diz.

— Perdi meu canto hoje de manhã. Inspetores. — Balanço a cabeça.

— Eles são uma droga! — ela assente.

Entrego a arma para ela.

— Cuidado, hein?

— Bem, não está carregada, você viu.

— Exatamente.

Ela olha para o chão. Então, vejo que suas mãos estão tremendo. Está chorando.

— Ei. — Coloco minha mão no braço dela. Ela não a remove.

— É só que... estou com medo.

Ela está prestes a abrir o jogo. Então, pergunto suavemente.

— Por quê?

As palavras ficam presas em sua garganta.

— Tá tudo bem — eu quase sussurro as palavras. — Pode me contar.

— Uma garota foi baleada ontem. — Ela limpa as lágrimas.

Eu a tomo nos braços e a conforto por um momento. Ela soluça em meu peito.

— Você a conhecia? — pergunto.

— O nome dela era Indie. Ela tinha ido àquele lugar que é tipo um banco de corpos.

Com certeza ela estava falando da Prime Destinations.

— Acha que isso teve algo a ver com ela ter sido morta?

— Quem sabe? — Ela encolhe os ombros. — Ela disse que fizeram uma transformação nela.

— Uma transformação?

— Você sabe. Laser verde, plásticas. Ela ficou linda.

Fazia sentido a Prime querer que o corpo de seus doadores fosse tão atraente quanto possível. Minha mente volta às outras garotas.

Dawn. Lena. E então Jenny.

As outras três que foram mortas nos últimos dois meses eram todas bonitas, o que sugere um assassino do sexo masculino. E é claro que minha Jenny era linda; ela sempre foi.

— Eu iria lá amanhã — Lonnie diz. — Para me dar um presente de aniversário. Eles pagam bem.

— O que aconteceu com o pagamento de Indie?

— Acho que o assassino roubou.

Fazia sentido. Todas essas garotas estavam recebendo altas somas em dinheiro. Por serem menores renegadas, teriam que receber em dinheiro ou em um cheque ao portador, que poderia rapidamente transformar-se em dinheiro. Nos dias de hoje, é o mesmo que andar na rua segurando uma placa que diz "me mate".

— Posso pedir um favor? — pergunto a ela.

— O quê?

— Espere até seu próximo aniversário para ir lá.

— Você acha que não é seguro?

— Olhe o que aconteceu com Indie. E ela não é a primeira.

— Mas eu tenho uma arma — ela diz, rodopiando o revólver entre dois dedos.

— Uma arma sem balas é pior do que nenhuma arma.



Passo os dois dias seguintes investigando de manhã até a meia-noite. Quando durmo, é pouco e no chão do escritório perto de onde mora Lonnie. Ela é um doce. Muitos de nós, renegados, celebram o aniversário dela dando-lhe uma supertrufa com uma vela no topo. Ela gosta de mim, eu sei, mas não tem a menor ideia de que tenho quase sete vezes a idade dela. Há um momento em que ela quer me beijar, contudo não consigo me ver tirando vantagem de uma garota de 16 anos que, na realidade, não sabe que estará beijando um Ender. Por mais que eu gostasse disso.

Acho que feri seus sentimentos.

Ela manteve a promessa de não ir à Prime Destinations. No entanto é hora de eu voltar para lá. Meu aluguel está acabando e eu não cheguei nem perto de encontrar o assassino. Falei com uma porção de Starters, alguns deles doadores da Prime, alguns simplesmente adolescentes normais, mas não encontrei nenhuma pista. Qualquer coisa que parecesse promissora — como um Starter aparecendo de repente com dinheiro na mão — mostrou ser um beco sem saída. Mas, poucos momentos antes de eu me despedir de Lonnie, ela se lembra de algo mais.

— Alguns dias atrás, Indie estava conversando com outras garotas. Eu acabei ouvindo — Lonnie diz. — Ela estava falando de lembranças. Lembranças ruins. E as outras pareciam entender. Acho que todas eram doadoras de corpo para o banco.

Antes de voltar ao lugar que ela chama de banco de corpos, paro em um banheiro público para vestir a camiseta, o jeans e a jaqueta que eles me deram. Na Prime, a recepcionista tenta me conduzir à sala de transição, mas eu insisto em falar com o CEO. Quando ela fala com outro empregado, ouço-a referir-se ao chefe como o Velho, o que parece estranhamente desrespeitoso.

Não sei bem como chamá-lo, então não o chamo. Hoje ele usa a imagem de um famoso chefão do ramo imobiliário.

— Tudo funcionando bem? — ele pergunta com aquela estranha voz.

Mostro meu distintivo. Vejo seu corpo ficar tenso. Ele caminha em minha direção com passos decididos. Agarra meu distintivo e o atira pela sala.

— Você usou nossos serviços sob falsos pretextos!

Quero pegar meu distintivo de volta, mas o CEO está em meu caminho.

— Estou procurando um assassino. Uma de suas vítimas foi doadora de corpo para vocês.

— Menores renegados morrem. — Ele balança a cabeça, deixando rastros de luz azul. — É um estilo de vida perigoso.

— Eles morrem em brigas, mas isso é diferente. Há garotas sendo assassinadas. Acreditamos que seja por causa dinheiro que vocês dão a elas.

— Prove.

— Preciso ficar disfarçado por mais um tempo. — Eu estremeço. Não posso evitar; a sala é gelada.

— Quanto tempo?

Uma semana. Um mês. Mas sei que ele não aceitará.

— Mais três dias — digo.

O Velho balança a cabeça.

— Nunca concordei em alugar para um inspetor. — Ele aponta para mim. — Esse corpo é minha propriedade e você o está colocando em perigo!

— Quero mais do que você que este garoto continue vivo. — Gesticulo para o corpo de Trace com meu polegar. — Starters estão morrendo lá fora e ninguém mais se importa. Acha que inspetores têm tempo para menores renegados? A maior parte dos Enders preferiria que eles fossem eliminados feito baratas.

Silêncio. Sua máscara solta um zumbido baixo, interrompido apenas por pequenos chiados, estalidos eletrônicos como os de uma dessas luminárias elétricas mata-insetos.

O silêncio é brutal.

— Você não está numa investigação oficial — o Velho diz. — Está?

— Não.

Ele pensa por um longo minuto.

— Vou deixar que faça isso. Mas vai ficar me devendo — ele diz. — E, algum dia, eu vou cobrar.

Encaro aquele rosto eletrônico medonho. No que é que estou me metendo?

— Mais três dias! — ele diz como se fosse uma ameaça.

Sei que é melhor ficar calado quando venci. Apenas meneio a cabeça, bem de leve.

— Cuide bem desse corpo — ele diz, apontando para mim.

Eu deveria simplesmente ir embora. Mas suspeito que ele possa ter informações de que preciso. Tiro meu telefone e mostro-lhe a foto de Indie.

— O senhor a reconhece? O nome dela é Indie — digo.

Ele olha para a imagem.

— Há regras protegendo a privacidade de nossos empregados.

— E o senhor está seguindo todas as regras aqui, tenho certeza.

— Nem comece — ele diz, virando a cabeça bruscamente. — Estou com seu corpo, não se esqueça. Tudo o que tenho a fazer é puxar o plugue.

Ele coloca a máscara bem diante de meu nariz. Vejo meu reflexo nela. Mal consigo esconder o medo que toma conta de mim.

O Velho se vira e vai até sua aerotela. Pressiona alguns botões que flutuam no ar, digitando o nome de Indie. O nome de uma locatária aparece. Ergo meu telefone e registro a informação.

— Margaret Surratt.

— Não vá incomodá-la. Ela é um membro respeitado da comunidade — o Velho diz. — Não deve saber de nada.

Olho para sua foto. A mulher usa pérolas. Parece respeitável.

— Mais uma. Jenny. — Mostro a ele uma foto de minha neta.

Ele digita o nome. Aparecem três fotos de Starters chamadas Jenny. A foto de minha neta é a única que me importa. Ela foi doadora. Ah, Jenny, por que você fez isso? Mas não há tempo para pensar nisso. A locatária do corpo aparece. Novamente é Margaret. Ainda com suas pérolas.

Que tipo de membro respeitado da comunidade aluga múltiplos corpos de Starters... E por quê?



Corro para o endereço que o Velho me deu. O nome de Magaret surgiu como a locatária de todas as garotas mortas. Ela é rica, de uma família da alta sociedade, e diaconisa em sua igreja. Um verdadeiro pilar da comunidade.

Sua casa é uma mansão em Beverly Hills, a pouca distância da Prime. Estaciono meu carro numa rua próxima o suficiente para poder espiar, mas longe o suficiente para ela não me notar se decidir olhar para fora. A casa tem um imenso gramado e nenhum portão, o tipo de lugar que sugere que o morador vive com tanta segurança que não tem nada a temer.

Coloco meu miniscópio no olho direito e fito as janelas. Só vejo duas pessoas: uma governanta tirando o pó das lâmpadas lá dentro e um guarda patrulhando o terreno lá fora. Continuo vigiando, esperando ver Margaret.

Depois de um tempo, um carro branco esportivo surge na rua. Uma Starter realmente linda está ao volante, com longos cabelos loiros e um rosto perfeito.

Perfeito?

Ela não me nota. Passa a toda e então vira na entrada para carros da mansão de Margaret. Não pode ser a neta de Margaret, pois ela não poderia voltar para casa embelezada por uma transformação da Prime. Provavelmente é a própria Margaret, alugando mais um corpo.

Por que o Velho não me contou isso? Esfrego a parte de trás de minha cabeça. Talvez ele não soubesse.

Eu espero. Não demora muito até ela ressurgir no carro esportivo, saindo da garagem. Quando passa, noto que está usando um vestido curto brilhante, do tipo que Starters ricos usam nas baladas.

E, certamente, é para uma balada que ela me guia, dirigindo até uma casa noturna no centro da cidade. Deixo meu carro com um manobrista e fico feliz por ter ganhado roupas boas na Prime, pois todo mundo aqui está vestindo o que há de melhor. O nome do lugar é Club Rune e, talvez por ainda ser cedo, eles me deixam passar pela corda de veludo que isola a entrada. Ou talvez seja a bela aparência de Trace que garanta minha entrada.

Eu a vejo diante do balcão, as pernas bronzeadas cruzadas no banquinho, o cabelo loiro chegando quase à cintura. Tento não fazer contato visual enquanto me sento no banco ao seu lado. Não demora muito e ela nota o rosto bonito de Trace.

— Opa! Oi! — ela diz com uma piscadela. — Quem é você?

— Trace. Qual é seu nome?

Ela olha para cima, como se estivesse tentando se lembrar.

— Pode me chamar de Jodi — diz.

Eu me pergunto se ela imagina que sou um Ender por dentro ou só um Starter bonitão. Será que ela se importa? Certamente não adivinharia que, por dentro, sou um inspetor.

— Você vem muito aqui? — pergunto. É uma fala-padrão, mas realmente quero saber.

— Venho, sim — ela responde, bebericando um coquetel. — Mas nem sempre com esta aparência. — Ela pisca novamente. — E quanto a você?

— É minha primeira vez — respondo.

— Primeira vez no clube... ou primeira vez? — ela pergunta com um sorriso malicioso.

— Nunca estive aqui antes. Meus avós não me deixam sair muito.

Ao escolher bancar um legítimo Starter, descobrirei quão longe ela é capaz de ir. Seus olhos se acendem.

— Então eu devo levá-lo em um tour especial. — Ela se inclina, chegando mais perto.

Um perfume agudo e alegre enche minhas narinas. Ela passa um dedo pela gola de minha jaqueta.

— Gostaria disso, Trace? — Ela prolonga meu nome até ele parecer... sujo.

— Talvez — respondo. — O que vou poder ver? — Topo a brincadeira, caminhando em uma fina linha entre o flerte e a inocência.

— É só me seguir — ela diz, os olhos estreitos.

Ela tira da bolsa um maço de dinheiro e arranca algumas notas, o suficiente para pagar para

nós dois, e as coloca sobre o balcão. Desliza do banco.

Eu a sigo enquanto ela vai rebolando entre os frequentadores do clube até uma porta que leva a um corredor nos fundos. A porta escura não chama a atenção dos clientes. Entramos e seguimos até uma escadaria.

Está escuro, com pouca luz vindo do alto. Ela para e me agarra, puxando-me para si, e pressiona os lábios contra os meus. Seu perfume é de hortelã-pimenta e algo floral, e seus lábios são macios e famintos. Eu a deixo controlar a situação. Estou gostando, admito; já faz décadas desde que fui beijado com tanta vontade, com tanta fúria, tanto desespero.

Ela me puxa para mais perto, até suas costas estarem contra a parede. Deixo minhas mãos acariciarem seu cabelo longo e sedoso. Então, algo me faz parar. Eu me afasto e olho para ela.

— Que foi? — pergunta. — Quer um lugar com mais... privacidade?

Meneio a cabeça, fazendo que sim. Ela tem a minha idade, na realidade, então isso não é tão ruim quando poderia ser. Mas ela pensa que sou um Starter verdadeiro, um garoto com um quinto de sua idade, e sabe muito bem o que está fazendo. E, eu lembro a mim mesmo, ela poderia ser uma assassina.

— Não se preocupe. Conheço o lugar perfeito — ela diz, colocando a longa perna no próximo degrau.

— Lá? — eu pergunto.

Ela gesticula para o alto com a cabeça.

— O paraíso.

Eu a sigo escada acima, tentando não olhar para seus quadris. Coloco a mão no bolso para sentir as finas algemas.

Chegamos ao térreo e viramos para subir mais um andar.

— Vamos ficar totalmente sozinhos. Ninguém vai poder nos ver — ela diz com uma risadinha.

Abre a porta que indica o telhado do prédio e nós saímos. Ela está certa; ninguém pode nos ver. O telhado é grande, com passagens e chaminés e mais uma escada do outro lado. Não há nenhum outro edifício por perto, só o céu negro como nanquim. O ar fresco sopra sobre nós e eu seguro seu pulso para algemá-la.

Mas ela dá um puxão, afastando-se, e a algema se fecha, capturando apenas o ar.

— Você não é assim tão inocente, afinal. — Ela sorri.

Eu tomo o outro pulso e coloco a algema nele.

— Doçura, sou apenas um inocente inspetor.

Ela afasta o outro braço numa chicotada antes que eu possa conectar as algemas. Seus olhos examinam meu rosto, sem dúvida lutando para aceitar o fato de que, por dentro, dou um Ender. Ela retrocede.

— Como você me achou? — pergunta.

Eu a sigo vagarosamente, como se para não assustá-la.

— A Prime me contou sobre você, Margaret.

— Era para isso ser confidencial. Quem lhe disse meu nome?

— O Velho.

Ela leva uma mão às costas, tira uma arma da bolsa e mira entre meus olhos. Por meio segundo eu penso em pegar minha arma, mas percebo que não posso. Não posso machucar o corpo dessa garota inocente.

— Você não quer fazer isso — digo. — Margaret.

— Não me chame assim. Quando estou neste corpo, meu nome é Jodi. — Ela segura a arma com firmeza. — E seu nome é adeus.

Está prestes a atirar no corpo de meu pobre doador. O suor brota de minha testa — da dele.

— Este cara — eu gesticulo, indicando meu corpo —, Trace, perdeu os pais na guerra. Ele precisava de dinheiro desesperadamente, o suficiente para alugar a única coisa que tinha de valor: ele próprio. Por favor, você não pode matá-lo. Ele não a conhece.

— Mas poderia lembrar — ela retruca.

— Como suas doadoras anteriores? — Vejo hesitação em seus olhos, então continuo. — Você fez algumas coisas das quais não se orgulha quando alugou os corpos e ficou com medo de as pessoas se lembrarem. Talvez uma doadora se lembrasse e delatasse você.

— Elas têm replays. As memórias surgem. Memórias que poderiam me arruinar.

— Então, quando voltou para seu corpo, você as matou.

— Elas são renegadas. Quem se importa?

— Nem todas elas.

Chega mais perto de mim, a arma apontada para minha cabeça — a cabeça de Trace.

— Matar Trace não vai ajudar — eu digo. — Eu ainda vou estar vivo para contar a história.

— Então você é o próximo.

Ela começa a puxar o gatilho. Não consigo evitar: fecho os olhos num ato reflexo. Mas ela não termina. A arma emperrou? Não. É outra coisa. Ela quer atirar, porém não consegue.

— Não consigo — diz com uma expressão intrigada. — Não tive problemas antes... quando era eu mesma.

Ela vai de confusa a furiosa em segundos.

Ah. Ela não pode matar.

— Parece que a Prime tomou precauções. — Eu arranco a arma de sua mão.

Ela me lança aquele olhar determinado, que já vi um milhão de vezes, quando os criminosos sabem que as mentiras e histórias não adiantarão. Contudo ainda se recusam a desistir. Eles agarram aquela lasca de esperança à qual, de alguma forma, na hora certa, possam se segurar e com ela fugir.

Ela corre para trás de uma chaminé no teto.

Eu pego meu telefone.

— Tenho que falar com o Velho. Agora! É uma emergência!

Ele atende.

— Você não me disse que ela estava usando um corpo alugado! — eu grito.

— Eu não sabia — a voz eletrônica diz, demasiadamente calma.

Eu viro o pescoço para ver onde ela está se escondendo.

— Bom, ela está usando. É uma Starter chamada Jodi. Margaret está na sua empresa, em uma poltrona, neste momento.

Eu a vejo emergir de seu esconderijo e correr pela grande área do telhado.

— Margaret! — grito enquanto guardo o telefone no bolso.

Ela para e se vira.

— Desista! — grita de volta para mim. — Ou ela morre.

Sei o que pretende fazer. Ela quer correr até a borda do teto. Matará essa doadora também.

— Não faça isso! — eu grito.

— Ou o quê? — Ela me lança aquele meio sorriso malicioso. — Você vai matá-la?

Ela sabe que me pegou. Eu espero, com medo de me mover. Com medo de fazê-la correr. Mas quero me aproximar. Ela matará Jodi de um jeito ou de outro — se não agora, então mais tarde, e ela está no meio do caminho até a borda.

Minhas pernas querem seguir adiante. Talvez devagar? Como salvar a vida dessa garota? O que posso dizer para convencer Margaret?

Antes que possa fazer qualquer coisa, ela gira e corre para a borda. Eu corro tão rápido quanto posso. Mas vejo que é impossível. Não conseguirei. Não salvarei a garota.

Desistirei de Trace para salvar Jodi, decido em meio segundo. Porém terei essa chance?

Margaret segue para a borda. Ela está se aproximando. Quase lá, levando o corpo da pobre Jodi para a morte.

Ela chega à borda, mas, antes que possa dar aquele salto fatal, desaba no chão.

Meu coração para. Corro para ela e me ajoelho.

Ela está inconsciente. Sua cabeça está arranhada e sangrando. Sinto seu pulso. Está viva.

— Jodi — digo, dando tapinhas leves em sua mão.

Suas pálpebras estremecem. Ela move a cabeça de um lado para outro, então abre os olhos. Estão cheios de medo.

— Jodi? — eu digo.

Ela tenta sentar.

— Devagar — recomendo.

Está claramente desorientada, mas começa a confiar em mim. Ajudo-a a ficar sentada.

— O que aconteceu? — ela pergunta, frágil como uma corça.

Eu me inclino e a abraço com força.

— Você está bem — sussurro em seu ouvido. — Está segura.

Fecho meus olhos e a seguro nos braços por um longo tempo. A garota que salvei. Os outros rostos passam em lampejos por minha mente, aqueles que não pude salvar — Dawn, Indie, Jenny —, mas eles não estão zangados. Estão gratos.



Estou no alto da colina, não longe do letreiro de Hollywood, a poucos metros de meu carro. É outro mundo aqui em cima, com o cheiro terroso do capim seco e doce. Estou de volta a meu corpo de Ender, velho e cansado. Dobro minhas pernas doloridas e me agacho para cavar um buraco na terra com as mãos. Quando parece fundo o suficiente, coloco os sapatos cor-de-rosa dentro dele.

"Vovô, eu simplesmente preciso ter esses sapatos!"

Ela estava tão feliz naquele dia.

Coloco a terra por cima deles e assento-a várias vezes.

Sou detido pelo toque de meu telefone. Levanto-me devagar, limpo as mãos com um lenço e atendo.

— Inspetor. — É a voz eletrônica do Velho.

— Foi você — eu digo. — Você puxou o plugue de Margaret. Obrigado.

— Não quero uma Ender matando minhas melhores doadoras. Nem mesmo uma de minhas melhores locatárias.

— Ela pode viver os próximos cem anos na prisão — digo. — Agora, você... você sempre estará no ramo.

— Todo mundo quer ser alguém diferente — ele diz.

— Isso é porque essas não pessoas sabem quem são.

Meus pés doem, minhas pernas ardem. Olho para a cidade abaixo de mim e vejo pontos marcados pela guerra, enegrecidos pelo fogo ou reduzidos a escombros. No entanto, a maior parte ainda está de pé.

O Velho solta um estalido.

— Você as culpa? — pergunta.

Desligo e fecho meus olhos cansados. Na escuridão atrás de minhas pálpebras centenárias, procuro uma resposta.